

*ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DA VIBRANTE
NO SUL DO BRASIL*

Valéria Neto O. Monaretto (UFRGS)

A vibrante do português brasileiro é um dos fonemas com maior número de realizações fonéticas. O emprego dessas variantes é determinado por fatores lingüísticos e sociais, dentre os quais se destacam o contexto silábico e a localidade geográfica. Este trabalho visa a examinar quais variantes são mais empregadas nas cidades de Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC) e Curitiba (PR) e seus possíveis condicionadores através da metodologia variacionista nas linhas de Labov (1966) e de Sankoff (1988). Os resultados mostram que, no cômputo geral dos dados, o tepe é a forma mais usada na fala dessas comunidades e que as variantes utilizadas na posição pós-vocálica diferenciam os grupos geográficos.

1. Introdução

A vibrante se caracteriza por ser um fonema com um número relativamente grande de realizações. É feita por pequenas oclusões, produzidas pela ponta ou dorso da língua contra a arcada dentária superior ou contra os alvéolos ou, ainda, contra o véu palatino. A língua pode não fechar totalmente a passagem do ar, fazendo desaparecer a vibração, dando lugar a um som fricativo ou aspirado. Essas articulações são chamadas de r-forte. Há outros sons de r que ocorrem com uma só batida da ponta da língua junto aos alvéolos, chamados de r-fraco ou tepe. Os dois tipos de r dependem do dialeto e do contexto lingüístico, e são considerados variantes da vibrante.

Neste artigo, mostraremos a pronúncia variável da vibrante, sob método quantitativo de análise variacionista nas linhas de Labov (1966) e de Sankoff (1988), realizada nas três capitais da região Sul do Brasil, Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC) e Curitiba (PR), através da análise de quatro variantes assim definidas:

1. anterior para sons de r-forte, realizados na zona anterior da boca;
2. posterior para sons de r-forte, realizados na zona posterior da boca;
3. tepe para sons de r-fraco, realizados na zona anterior da boca;
4. retroflexa para sons produzidos pela elevação e encurvamento da ponta da língua em direção à região palato alveolar ou palatal.

Os dados analisados foram extraídos do banco de dados do projeto VARSUL, Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil, restringindo-se ao exame de 12 informantes de cada capital, totalizando 36 falantes, distribuídos com as seguintes características sociais: 18 do sexo masculino e 18 do sexo feminino; 11, 13, 12 dos níveis de escolaridade primário, ginásio e segundo grau respectivamente; 18 informantes na faixa etária dos 25 aos 50 anos e 18 informantes com idade acima dos 50anos.

A codificação dos dados se deu em função de cinco variáveis lingüísticas, listadas a seguir, e de quatro variáveis sociais, já mencionadas acima (grupo geográfico, sexo, escolaridade, idade).

Através da análise Posição da Vibrante na Sílabla, procurar-se-á examinar a ocorrência das variantes segundo o contexto lingüístico para testar as hipóteses de que a variação na posição pós-vocálica é característica do português e de que a variação na posição pré-vocálica é característica sociolingüística.

Com as variáveis Contexto Precedente e Contexto Seguinte pretende-se verificar se os segmentos que antecedem e que seguem a vibrante podem exercer influência fonética na realização da mesma.

As variáveis Acento e Velocidade da Fala foram consideradas com o objetivo de verificar se estes dois fatores interferem no tipo de variante empregada pelo falante.

Além de examinar quais variantes da vibrante são mais empregadas na amostra selecionada para essa pesquisa e que fatores lingüísticos e sociais exercem papel nessa variação, essa investigação tem também o objetivo de testar a hipótese da existência de um só fonema vibrante na estrutura profunda pelo uso mais freqüente de um dos r na posição pós-vocálica, ambiente esperado para a variação. A análise fonológica desenvolvida para essa questão é tratada em tese de doutoramento, em andamento.

2 Análise Dos Dados

2.1 Resultados Gerais e por Comunidade

Como resultado do número total de ocorrências das variantes da vibrante nos dados, temos o seguinte gráfico:

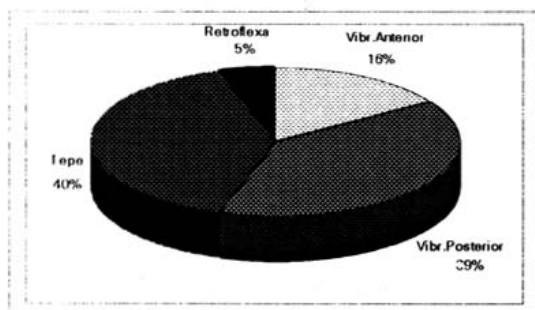
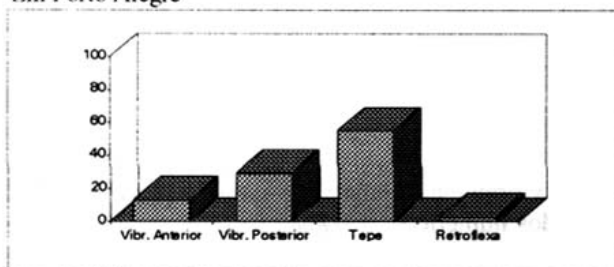


GRÁFICO 1 - Estatística da Ocorrência Total das Variantes da Vibrante

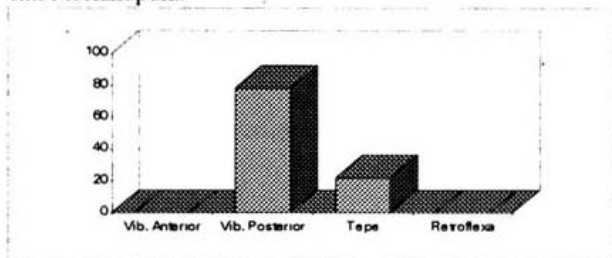
O tepe foi a variante mais usada na fala das três comunidades com 1582 dados, correspondendo a 40% das ocorrências, seguido da vibrante posterior, com 1570 dados, com 39%; da vibrante anterior com 627 dados, com 16% e da retroflexa com 215 dados, com 5% das formas.

Analisando os dados por região, temos os seguintes gráficos de distribuição das variantes por comunidade:

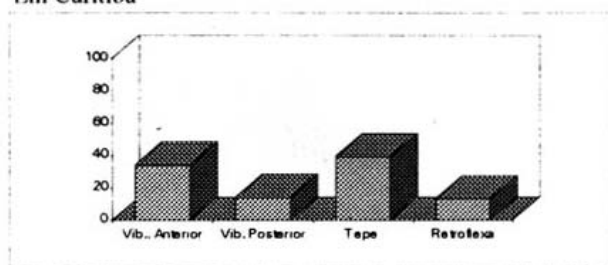
Em Porto Alegre



Em Florianópolis



Em Curitiba

**GRÁFICO 2 - Frequência do Uso das Variantes por Cidade**

Os resultados apresentados nesses gráficos mostram o predomínio do tepe em Porto Alegre, com 55% de frequência em um total de 1498 dados; da vibrante posterior em Florianópolis, com 78% em relação a 1232 dados e do tepe em Curitiba, detendo 39% de frequência em um total de 1264 dados.

Veremos, no desenvolvimento da análise a seguir, que o contexto silábico interfere na manifestação das variantes e que os grupos geográficos distinguem-se pela pronúncia da vibrante.

2.2 A Interferência das Variáveis Linguísticas

A posição da vibrante na sílaba foi a variável que apresentou mais contraste nos resultados numéricos, deixando claro que a sílaba desempenha papel importante para sua manifestação fonética.

Apesar de tão pouca diferença estatística entre o tepe (40%) e a vibrante posterior (39%), conforme gráfico 1, o peso relativo dessas duas formas é distinto nos contextos esperados para suas realizações. O tepe apresenta .66 na coda e a vibrante posterior .86 no ataque, conforme Tabela 1. Já os pesos dessas variantes igualam-se como insignificantes (.01) para as posições de vibrante posterior na coda e tepe no ataque. Eis os resultados, já amalgamados, para a variável posição na sílaba:

Tabela 1
Posição da Vibrante na Silaba (resultados amalgamados)

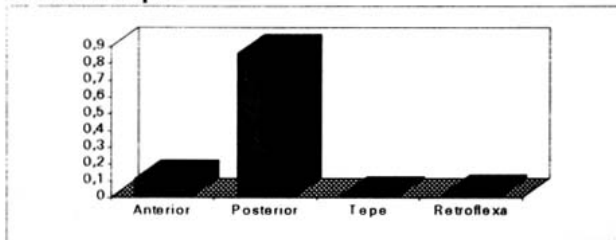
Variantes da Vibrante	Anterior	Posterior	Tepe	Retroflexa	Total
Fatores e Exemplos	Apl - % Peso Relativo	Apl - % Peso Relativo	Apl - % Peso Relativo	Apl - % Peso Relativo	
Na coda (parte, mar)	173 - 7% .05	607 - 24% .01	1568 - 62% .66	197 - 8% .28	2545
No ataque (rato, carro)	454 - 31% .11	963 - 67% .86	14 - 1% .01	18 - 1% .02	1449
input	.11	.73	.14	.01	

434 células

Na Tabela 1, nota-se uma diferença clara entre a vibrante na coda e a vibrante no ataque, podendo-se inferir desses resultados que a coda privilegia a variante tepe, e o ataque dá destaque à variante posterior. A variante anterior prepondera no ataque, e a retroflexa, que pouco ocorre, aparece em maior número na coda. Isso leva-nos a crer que, na posição pré-vocálica, a preferência é pelo uso das variantes de r-forte (vibrante posterior e vibrante anterior) e, na posição pós-vocálica, as variantes de r-fraco (tepe e retroflexa).

A posição que a vibrante ocupa na sílaba é, pois, determinante em sua realização. Em ambos contextos silábicos, ataque e coda, há a presença das quatro variantes, mas a probabilidade de aparecerem está condicionada à sílaba. Os gráficos abaixo ilustram o peso relativo que as variantes apresentam na sílaba.

3.1 No Ataque



3.2 Na Coda

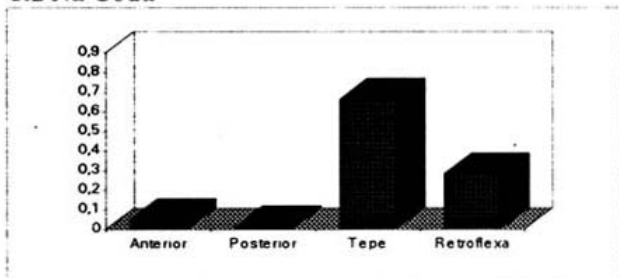


GRÁFICO 3 - Peso Relativo das Variantes segundo a Posição na Silaba

A forma preferida no ataque é, pois, a vibrante posterior, seguida pela anterior, retroflexa e tepe. Na coda há, em primeiro lugar, o tepe, depois a retroflexa, a vibrante anterior e, por último, a vibrante posterior.

Em relação às outras variáveis lingüísticas, Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Acento e Velocidade da Fala, os resultados mostraram que esses fatores não interferem de modo significativo e genérico nas manifestações fonéticas da vibrante. Falaremos brevemente delas.

As vogais como contexto precedente (verde, porta, por exemplo) foram os únicos elementos que tiveram registros nas quatro variantes, com 2553 dados para a vogal posterior oral e 1224 dados para a vogal anterior oral. A realização da vibrante que segue consoante (genro, guelra) limitou-se a poucas ocorrências de vibrante anterior e de vibrante posterior (187 casos) e houve bem menos casos com tepe e retroflexa (10 dados). Esse resultado é esperado, tendo em vista que há, segundo o Dicionário Aurélio Eletrônico - versão 1.3, apenas 302 palavras com consoante como contexto precedente.

Quanto à variável contexto seguinte, também, de modo geral, não interfere no aparecimento das variantes. Estatisticamente, esse grupo de fatores mostrou ser mais interessante, revelando que há mais vibrante anterior ao lado de vogal (29%); há mais vibrante posterior (60%) se existir vogal após a vibrante; há mais tepe (73%) se o segmento seguinte for homogênicamente e maior número de retroflexa se não existir contexto após ela.

Os resultados mais expressivos em relação a essas duas variáveis são: a vogal anterior oral, como contexto precedente à vibrante, foi o único fator que mostrou ser expressivo e favorável para a variante tepe, em termos de peso relativo; a presença de consoantes alveolares, como contexto seguinte, facilitou o aparecimento do tepe e da vibrante anterior.

As variáveis acento e velocidade da fala não exerceram papel significativo para a manifestação das variantes. O que se pôde observar é

que a retroflexa parece preferir o ritmo allegro e a vibrante posterior, o ritmo moderado, mas os resultados não foram consistentes.

2.3 A Interferência das Variáveis Sociais

Dentre as variáveis sociais examinadas, o grupo geográfico foi a que se destacou com resultados expressivos.

Conforme o gráfico 2, visto anteriormente, em Porto Alegre, há o predomínio do tepe; em Florianópolis, destacou-se a vibrante posterior e, em Curitiba, o tepe. Analisando o papel das variantes nas cidades, obteve-se o seguinte resultado, exposto na Tabela 2.

Tabela 2
Aplicação das Variantes em cada Grupo Geográfico

	Anterior	Posterior	Tepe	Retroflexa	Total na Cidade
Porto Alegre	199 - 32% .30	432 - 28% .01	821 - 52% .41	46 - 21% .20	1498
Florianópolis	4 - 1% .04	959 - 61% .99	268 - 17% .34	1 - 0% .01	1232
Curitiba	424 - 67% .66	179 - 11% .00	493 - 31% .25	168 - 78% .78	1264
Total de aplicação das variantes	627	1570	1582	215	3994

803 células

O que se pode depreender dessa Tabela é que o uso das variantes está condicionado à localidade:

- a vibrante anterior é mais usada em Curitiba, com o peso relativo .66;
- a vibrante posterior é encontrada em maior número em Florianópolis com .99;
- o tepe aparece mais em Porto Alegre com peso relativo .41;
- a retroflexa ocorre mais em Curitiba com o peso .78.

Em termos estatísticos, a realização do tepe, na comunidade onde é mais empregado (em Porto Alegre), ocupa 52% do total da aplicação em relação as outras três variantes; a vibrante posterior apresenta o índice de 61% (em Florianópolis); a vibrante anterior, 67% (em Curitiba), e a retroflexa, 78% (também em Curitiba).

Os resultados revelam também que, em Porto Alegre, empregam-se as quatro variantes; em Florianópolis realizam-se principalmente as

variantes tepe e, quase que categoricamente, pelo alto número de realizações, a vibrante posterior; em Curitiba, também há a presença das quatro variantes, sendo o emprego da vibrante anterior e da retroflexa os mais significativos.

O que se pode concluir desses resultados é que a preferência pelo emprego de uma determinada variante está relacionada à localidade. Assim, por exemplo, apesar de ser baixo o índice de aplicação da variante retroflexa, ela é empregada, relativamente, mais em Curitiba do que nas demais cidades.

Quanto ao uso da variante tepe em cada comunidade, o gráfico 2 aponta-na como predominante em duas das três localidades examinadas: Porto Alegre e Curitiba.

Uma de nossas suposições é que a posição silábica exerce um papel no uso dessas variantes. Para tanto, foram cruzados dois grupos de fatores: grupo geográfico e posição na sílaba, cujos resultados podem ser apreciados na Tabela 3:

Tabela 3
Cruzamento entre Grupo Geográfico
e a Posição da Vibrante na Sílaba

		Coda	Ataque	Total
Porto Alegre	Anterior	84/173 - 49%	115/446 - 26%	199 - 32%
	Posterior	6/607 - 1%	423/960 - 44%	432 - 28%
	Tepe	809/1568 - 52%	12/14 - 86%	821 - 52%
	Retroflexa	41/197 - 21%	5/18 - 28%	46 - 21%
Florianópolis	Anterior	1/173 - 1%	3/446 - 1%	4 - 1%
	Posterior	599/607 - 99%	360/960 - 38%	959 - 61%
	Tepe	268/1568 - 17%	0/14 - 0%	268 - 17%
	Retroflexa	1/197 - 1%	0/18 - 0%	1 - 0%
Curitiba	Anterior	88/173 - 61%	336/446 - 74%	424 - 67%
	Posterior	2/607 - 0%	177/960 - 34%	179 - 11%
	Tepe	491/1568 - 31%	2/14 - 14%	493 - 31%
	Retroflexa	155/197 - 79%	13/18 - 72%	168 - 78%

Esses resultados confirmam os da Tabela 2 e o mais importante é que mostram em que contexto, coda ou ataque, ocorre a variante mais freqüente em cada localidade.

Em Porto Alegre, a forma predominante é o tepe, que é empregado com maior freqüência na posição de coda, com 809 ocorrências contra 12 do ataque.

Em Florianópolis, observa-se o predomínio da vibrante posterior, que teve como alvo preferido, o ambiente silábico coda com 599 ocorrências contra 12 no ataque. Nesta localidade, mesmo na coda, a vibrante posterior é a preferida. O uso dessa variante é encontrado somente ao longo do litoral de Santa Catarina, segundo Furlan (1989, p.119), cuja colonização é de origem portuguesa. O restante do estado utiliza geralmente a variante tepe na posição de coda, segundo os dados do projeto Atlas Lingüístico Etnográfico da Região Sul.

Em Curitiba, a variante retroflexa foi mais encontrada em relação às outras cidades, com 155 ocorrências na coda contra 13 do ataque.

Faz-se importante também observar que a variante retroflexa, apesar de pouca frequência, existe em ambos ambientes silábicos nos dados, com exceção de Florianópolis, confirmando, pois, a distribuição que Brandão (1991, p. 22) constrói a respeito dessa variante, disseminada por diversas regiões do Brasil.

Como os resultados apontaram o ambiente propício à variação, o pós-vocálico, a preferência pelo uso do tepe, e mostraram também que essa forma é a mais usada no cômputo geral dos dados, a hipótese de que o tepe é a forma subjacente da vibrante pode ser sustentada pelo alto número de sua frequência perante as demais variantes.

Apesar do tepe ser predominante na posição pós-vocálica, a incidência das outras variantes é mais expressiva nesse mesmo ambiente: em Porto Alegre, a segunda variante mais freqüente é a vibrante anterior; em Florianópolis, ao contrário, há mais vibrante posterior (motivos étnicos) e, em Curitiba, a retroflexa é a segunda variante mais usada. Isso mostra que a posição de coda diferencia os grupos geográficos, e a variação nesse contexto é uma característica do português.

Na posição pré-vocálica, a frequência das variantes da vibrante diminui e a presença de tais realizações são determinadas sociolingüisticamente.

Quanto às outras variáveis sociais, o sexo, idade e escolaridade não se colocaram, no geral, como representativos.

Os resultados confirmaram a preferência das mulheres por realizações fonéticas mais freqüentes em determinados ambientes lingüísticos, como a vibrante posterior, no ataque e o tepe, na coda, e os homens como detentores de formas menos usuais como a vibrante anterior e a retroflexa.

A faixa etária mostrou-se significativa apenas para a variante retroflexa: indivíduos entre 25 e 50 anos são favorecedores (com peso relativo de .69) de tal forma, e as pessoas com mais de 50 anos desfavore-

cem-na (com peso de .30). Isso revela que, ao contrário das estimativas de Amaral (1955, p. 42), esse som de r, apesar de estigmatizado, ainda existe.

Em relação à escolaridade, o tepe é a única variante realizada indiscriminadamente nas três faixas escolares (primário, ginásio e segundo grau). Pode-se observar, a partir disso, que não é o nível instrucional que condiciona essa variante.

Em suma, a variável realmente pertinente para as variantes da vibrante é a posição na sílaba, que foi selecionada em primeiro lugar em todas as realizações da vibrante. Aliada à ela, está o grupo geográfico como a segunda variável mais significativa e condicionadora. Desses resultados podemos concluir que, no geral, o tepe é a forma preferida na posição pós-vocálica na fala da região Sul.

Referências Bibliográficas

- ATLAS LINGÜÍSTICO ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. (em andamento).
- AMARAL, Amadeu. O dialeto caipira. São Paulo: Anhembi, 1955.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. A geografia lingüística no Brasil. São Paulo: Ática, 1991.
- FURLAN, Oswald Antônio. Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina. Florianópolis, UFSC, 1989.
- LABOV, Willian. The social stratification of English in the New York city. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.
- SANKOFF, David. Variable Rules. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert & MATTEIR, Klauss J. (eds.). Sociolinguistics: an international handbook of science of language and society. New York: Walter Gruyter, 1988, p. 984-998.